

Prosper Mérimée

A vênus de ille

*"Que a estátua, digo então, seja
favorável e benevolente, ela que tanto se
assemelha a um homem."*

Luciano, o Mentiroso

EU DESCIA O ÚLTIMO TRECHO DO CANIGOU e, mesmo já tendo o sol se posto, distinguia na planície as casas da cidadezinha de Ille, para a qual me dirigia.

— Sabe — disse ao catalão que me servia de guia desde a véspera —, sabe, sem dúvida, onde mora o sr. de Peyrehorade?

— Se eu sei! — exclamou ele. — Eu conheço a casa dele como a minha; e, se não estivesse tão escuro, eu a mostraria. É a mais bonita de Ille. Ele tem dinheiro, sim, o sr. de Peyrehorade; e vai casar seu filho com quem é ainda mais rica.

— E o casamento vai ser por agora? — perguntei-lhe.

— Por agora! Pode ser que os violinos já estejam encomendados para as núpcias. Esta noite, talvez, amanhã, depois de amanhã, sei lá! É em Puygarrig que acontecerá; pois é a srta. de Puygarrig que se casa com o filho do sr. de Peyrehorade. Vai ser bonito, sim.

"Eu fora recomendado ao sr. de Peyrehorade por meu amigo, o sr. de P Era", disse ele, "um antiquário muitíssimo instruído, de uma benevolência a toda prova." Teria prazer em me mostrar todas as ruínas a dez léguas em torno. Ora, eu contava com ele para visitar as imediações de Ille, que sabia ricas em monumentos antigos e da Idade Média. Esse casamento, do qual me falavam pela primeira vez, perturbava todos os meus planos.

"Vou ser um estraga-prazeres", disse a mim mesmo. Mas era esperado;

anunciado pelo sr. de P, precisava me apresentar.

— Vamos apostar — disse meu guia, quando já estávamos na planície —, vamos apostar um charuto que adivinho o que veio fazer na casa do sr. de

Peyrehorade?

— Mas — respondi, estendendo-lhe um charuto — isso não é difícil de adivinhar. A essa hora, depois de seis léguas no Canigou, o programa é jantar.

— É, mas e amanhã?... Olha, aposto que vem a Ille para ver o ídolo.

Adivinhei isso ao vê-lo tirar retratos dos santos de Serrabona.

— O ídolo! Que ídolo? — Essa palavra despertara minha curiosidade.

— Mas como?! Não lhe contaram, em Perpignan, como o sr. de

Peyrehorade achou um ídolo na terra?

— Quer dizer uma estátua feita de terra curtida, de argila?

— Não. De cobre, o suficiente para fazer grandes moedas. Pesa o mesmo que um sino de igreja. Foi dentro da terra, bem fundo, ao pé de uma oliveira, que o encontramos.

— Estava presente à descoberta?

— Sim, senhor. O sr. de Peyrehorade nos disse, há 15 dias, a Jean Coll e a mim, que desenraizássemos uma velha oliveira que fora congelada no ano passado, um ano bem malvado, como o senhor sabe. Foi aí que, ao trabalhar.

Jean Coll, que estava a toda, deu uma escavada com a enxada, e eu ouvi biim... como se esbarrasse num sino. "O que é?", disse eu. Continuamos a escavar, a escavar, até que apareceu uma mão negra, que parecia a mão de um morto que saía da terra. O medo tomou conta de mim. Fui até o cavalheiro, e lhe disse: "Mortos, patrão, que estão debaixo da oliveira! É preciso chamar o padre." "Que mortos?", perguntou ele. Ele veio e, mal viu a mão, exclamou: "Uma antiguidade! Uma antiguidade!". Dava para pensar que havia achado

um tesouro. E lá foi ele, com a enxada, com as mãos, se fatigando e quase fazendo tanto trabalho quanto nós dois.

— E, afinal, o que acharam?

— Uma grande mulher negra até mais da metade nua, com o devido respeito, senhor, toda de cobre, e o sr. de Peyrehorade nos disse que era um ídolo do tempo dos pagãos... do tempo de Carlos Magno, veja só!

— Estou vendo... Alguma Virgem Santa de bronze de um convento destruído.

— Uma Virgem Santa! Ah, tá bom... Eu teria reconhecido, se fosse uma Virgem Santa. É um ídolo, estou dizendo: a gente vê pelo jeito dele. Olha a gente com olhos brancos... Parece que está encarando. A gente baixa os olhos, sim, ao olhá-lo.

— Olhos brancos? Sem dúvida são incrustados no bronze. Deve ser alguma estátua romana.

— Romana? É isso. O sr. de Peyrehorade diz que é uma romana. Ah, vejo que é um sábio como ele.

— Está inteira, bem conservada?

— Ah, senhor, não lhe falta nada. É ainda mais bonito que o busto de Luís Filipe, que está na prefeitura, de gesso colorido. Mas, com tudo isso, o ídolo não me agrada. Tem uma aparência maléfica... e é mesmo.—

— Maléfica! Que maldade ele fez a você?

— Não a mim, especificamente; mas o senhor vai ver. Éramos quatro para colocá-lo de pé, mais o sr. de Peyrehorade, que também puxava a corda, embora não tenha mais força que um frango, o digno homem! Com bastante dificuldade o colocamos de pé. Eu estava pegando um caco de telha para calçá-lo, quando tchbum! Caiu para trás de uma vez só. Eu disse: "Cuidado aí

embaixo!" Mas não a tempo, pois Jean Coll não chegou a tirar a perna...

— E ficou ferido?

— Quebrou de uma tacada, como uma estaca, sua pobre perna! Que maldade! Quando vi, fiquei furioso. Queria partir o ídolo a enxadadas, mas o sr. de Peyrehorade me deteve. Deu dinheiro a Jean Coll que, mesmo assim, continua na cama há 15 dias, desde que isso lhe aconteceu, e o médico disse que nunca vai andar com essa perna como com a outra. É pena, ele que era nosso melhor corredor e, depois do senhor filho do patrão, o mais esperto jogador de péla. Aí o sr. Alphonse de Peyrehorade ficou triste, pois Coll é que jogava com ele. Era bonito ver como eles mandavam as pélas um ao outro.

Paf! Paf! Elas nunca tocavam o chão.

Batendo papo dessa maneira, entramos em Ille, e logo me encontrei em presença do sr. de Peyrehorade. Era um velhinho conservado e disposto, empoado, de nariz vermelho, ar jovial e folgado. Antes de abrir a carta de sr. de E, me instalara defronte de uma mesa bem servida, e me apresentara a sua mulher e a seu filho como arqueólogo ilustre, que devia tirar o Roussillon do

esquecimento em que o deixava a indiferença dos sábios.

Sem deixar de comer com apetite, pois nada dá mais disposição que o ar vivo das montanhas, examinava meus anfitriões. Disse algo sobre o sr. de Peyrehorade; devo acrescentar que era a própria vivacidade. Ele falava, comia, se levantava, corria até a biblioteca, me trazia livros, me mostrava estampas, me servia de bebida; nunca ficava dois minutos em repouso. Sua mulher, um pouco gorda demais, como a maior parte das catalãs logo que

passam dos quarenta anos, me pareceu uma provinciana reforçada, unicamente ocupada com as questões domésticas. Embora o jantar fosse suficiente para seis pessoas no mínimo, ela correu à cozinha, mandou

matar pombos, fritar uma quantidade enorme, abriu não sei quantos potes de doce. Num instante a mesa ficou atulhada de pratos e garrafas, e eu teria morrido certamente de indigestão se simplesmente provasse tudo que me ofereciam. Enquanto isso, a cada prato que recusava, havia novas desculpas.

Receavam que eu sofresse um desmaio em Ille. Na província temos tão poucos recursos, e os parisienses são tão difíceis!

Em meio às idas e vindas de seus pais, o sr. Alphonse de Peyrehorade não se movia mais que Terminus. Era um rapaz alto de 26 anos, de fisionomia bonita e regular, mas inexpressiva. Seu tamanho e suas formas atléticas justificavam bem a reputação de infatigável jogador de péla que lhe atribuíam na terra. Estava, nessa noite, vestido com elegância, exatamente de acordo com a gravura do último número do Jornal das Modas. Mas me pareceu apertado em suas roupas; estava retesado como uma estaca em seu colarinho de veludo, e só se virava por inteiro. Suas mãos grossas e queimadas, suas unhas curtas contrastavam peculiarmente com a vestimenta. Eram mãos de trabalhador saindo das mangas de um dândi. Aliás, embora me examinasse da cabeça aos pés com extrema curiosidade, em minha qualidade de parisiense, só me dirigiu uma vez a palavra durante toda a noite, para me perguntar onde comprara a corrente de meu relógio.

— Ah, meu caro hóspede — disse o sr. de Peyrehorade, quando o jantar ia chegando ao fim —, o senhor me pertence, está na minha casa. Não o largo mais, a não ser quando tiver visto tudo que temos de curioso em nossas montanhas. Precisa aprender a conhecer nosso Roussillon, e fazer-lhe justiça. Não duvide de tudo que vamos lhe mostrar. Monumentos fenícios, celtas, romanos, árabes, bizantinos, verá tudo, desde o cedro até o hissopo. Eu o conduzirei a todos os lugares e não lhe pouparei um tijolo.

Um acesso de tosse obrigou-o a parar. Aproveitei para dizer-lhe que lamentaria incomodá-lo numa circunstância tão importante para sua família. Se quisesse me dar seus excelentes conselhos sobre as excursões que eu faria, eu poderia, sem que ele precisasse me acompanhar...

— Ah, quer falar do casamento desse rapaz aí — exclamou, me interrompendo. — Nada de mais, acontecerá depois de amanhã. O senhor vai participar da celebração conosco, em família, pois a futura esposa está de luto por uma tia da qual é herdeira. Assim, nada de festa, nada de baile... É pena...

O senhor veria dançarem nossas catalãs... Elas são bonitas e talvez sentisse vontade de imitar meu Alphonse. Um casamento, como se diz, conduz a outros... Sábado, com os jovens casados, fico livre, e nós começamos a nos movimentar. Peço desculpas pelo aborrecimento de um casamento de província. Para um parisiense cansado de festas... e um casamento sem baile, ainda por cima! Entretanto, vai ver uma noiva... uma noiva... que vai dar o que falar... Mas o senhor é um homem circunspecto e não olha mais para as mulheres. Tenho mais do que isso a lhe mostrar. Farei com que veja muita coisa!... Reservo-lhe uma surpresa e tanto para amanhã.

— Meu Deus! — disse-lhe eu —, é difícil ter um tesouro em casa sem que o público se informe. Acho que posso adivinhar a surpresa que me prepara. Mas se se trata de sua estátua, a descrição que meu guia fez só serviu para estimular minha curiosidade e me predispor à admiração.

— Ah, ele falou do ídolo, pois é assim que chamam minha bela Vênus Tur... mas não quero dizer-lhe nada. Amanhã, em pleno dia, irá vê-la, e me dirá se tenho razão de achá-la uma obra-prima. Deus meu! O senhor não poderia ter chegado em hora melhor! Ela tem inscrições que eu, pobre ignorante, explico a minha maneira... mas um sábio de Paris! Vai achar graça

talvez de minha interpretação... pois escrevi uma monografia... eu, aqui presente... velho antiquário de província, me lancei... Vou fazer a imprensa gemer... Se quisesse ler e corrigir, eu poderia esperar... Por exemplo, estou bem curioso de saber como o senhor traduziria esta inscrição sobre o soco: CAVE... Mas não quero lhe perguntar nada agora! Amanhã, amanhã! Nem uma palavra sobre a Vênus hoje.

— Tem razão. Peyrehorade — disse sua mulher —, de parar por aí com o seu ídolo. Você devia ver que impede o senhor de comer. Ora, ele viu em Paris estátuas bem mais bonitas que a sua. Nas Tulherias há dúzias delas, além do mais de bronze.

— Eis aí a ignorância, a santa ignorância da província! — interrompeu o sr. de Peyrehorade. — Comparar uma admirável antiguidade às figuras inexpressivas de Coustou!

Com que tamanha irreverência
fala dos deuses minha esposa!

— Sabe que minha mulher queria que eu fundisse minha estátua para dela fazer um sino e doar à nossa igreja? É que ela teria sido a madrinha. Uma obra-prima de Myron, senhor!

— Obra-prima! Obra-prima! Bela obra-prima ele fez! Quebrar a perna de um homem!

— Minha mulher, você está vendo? — disse o sr. de Peyrehorade num tom resolutivo, e estendendo a ela sua perna direita dentro de uma meia de seda multicolorida. — Se minha Vênus tivesse quebrado esta perna aqui, eu não lamentaria.

— Deus meu! Peyrehorade, como pode dizer isso?! Felizmente o homem melhorou... E ainda não consigo encarar a estátua que traz infelicidades como

essa. Pobre Jean Coll!

— Ferido por Vênus, senhor! — disse o sr. de Peyrehorade rindo às gargalhadas —, ferido por Vênus, o patife se queixa. *Veneris nec praemia noris* ("Os atrativos de Vênus não conhecerás"). Quem não foi ferido por Vênus?

O sr. Alphonse, que compreendia o francês melhor que o latim, piscou os olhos com ar inteligente, e me olhou como para me perguntar: "E o senhor, parisiense, está compreendendo?"

O jantar terminou. Fazia uma hora que eu parara de comer. Estava cansado, e não conseguia esconder os freqüentes bocejos que me escapavam.

A sra. de Peyrehorade foi a primeira a perceber, e observou que estava na hora de ir dormir. Então começaram de novo desculpas sobre o mau aposento que iria ver. Eu não me sentiria como em Paris. Na província se vive tão mal!

Seria preciso indulgência para com os habitantes de Roussillon. Em vão protestei que, depois de um trajeto pelas montanhas, um monte de palha seria para mim um colchão delicioso, continuavam a me pedir que perdoasse pobres camponeses se não me tratavam tão bem quanto desejariam. Subi enfim ao quarto que me era destinado, acompanhado do sr. de Peyrehorade. A escada, cujos degraus superiores eram de madeira, terminava no meio de um corredor que dava para vários quartos.

— À direita — disse-me meu anfitrião — é o apartamento que destino à futura senhora Alphonse. O quarto do senhor fica no fim do corredor oposto.

O senhor percebe — acrescentou, com ar de quem pretende estar sendo sofisticado —, o senhor percebe que é necessário isolar recém-casados. O senhor está numa extremidade da casa, eles em outra.

Entramos num quarto bem mobiliado, onde o primeiro objeto sobre o qual

pus a vista foi uma cama com o comprimento de dois metros e vinte, largura de um metro e noventa, e tão alta que requeria um banco para alguém se guindar até ela. Meu anfitrião, após mostrar a posição da sineta e se assegurar pessoalmente de que o açucareiro estava cheio, os frascos de água-de-colônia adequadamente localizados no banheiro, depois de ter-me perguntado várias vezes se nada faltava, me desejou boa-noite e me deixou sozinho.

As janelas estavam fechadas. Antes de me despir, abri uma para respirar o ar fresco da noite, delicioso após um longo jantar. Em frente estava o Canigou, com aspecto admirável o tempo todo, mas que me pareceu essa noite a mais bela montanha do mundo, clareado como estava por uma lua resplandecente. Demorei alguns minutos a contemplar sua silhueta maravilhosa, e ia fechar a janela, quando, baixando os olhos, percebi a estátua sobre um pedestal a umas vinte jardas da casa. Estava localizada no ângulo de uma sebe viva que separava um jardimzinho de uma vasta quadra perfeitamente uniforme, que, vim a saber mais tarde, era o jogo de péla da cidade. Esse terreno, propriedade do sr. de Peyrehorade, fora cedido por ele à comuna, diante de insistentes solicitações de seu filho.

Da distância onde estava, era difícil distinguir a pose da estátua; só conseguia avaliar sua altura, que me pareceu de quase dois metros. Nesse momento, dois moleques da cidade passavam sobre o jogo de péla, bem perto da cerca, assobiando a bonita ária do Roussillon: *Montagnes régaldes*. Pararam para olhar a estátua; um deles chegou a interpelá-la em voz alta. Falava em catalão; mas eu estava no Roussillon tempo suficiente para compreender mais ou menos o que dizia.

— Aí, vagabunda! (O termo catalão era mais enérgico.) Aí — dizia ele —,

então foi você que quebrou a perna de Jean Coll! Se você fosse minha, lhe quebraria o pescoço.

— Bah! Com quê? — disse o outro. — Ela é de cobre, e tão dura que Etienne quebrou a lima nela, tentando riscá-la. É cobre do tempo dos pagãos, mais duro que não sei o quê.

— Se eu estivesse com meu formão a frio (parece que era um aprendiz de serralheiro), eu faria logo saltarem seus olhos brancos, como tiraria uma amêndoa da casca. Aí tem mais de cem tostões de prata.

Deram alguns passos, se distanciando.

— Preciso desejar boa-noite ao ídolo — disse o aprendiz mais alto, parando de repente.

Baixou-se e provavelmente pegou uma pedra. Eu o vi estender o braço, lançar alguma coisa, e logo depois uma sonora batida retiniu no bronze. No mesmo instante o aprendiz levou a mão à cabeça, soltando um grito de dor.

— Ela jogou a pedra de volta! — exclamou ele..

E os dois moleques fugiram em disparada. Era evidente que a pedra ricocheteara sobre o metal, punindo o engraçadinho pelo ultraje à deusa.

Fechei a janela rindo com vontade.

— Mais um vândalo punido por Vênus. Quem dera todos os destruidores de nossos velhos monumentos quebrassem desse modo a cabeça. Com esse desejo caridoso, adormeci.

Era dia claro quando acordei. Perto de minha cama estavam, de um lado, o sr. de Peyrehorade, num roupão; do outro, um empregado enviado pela mulher com uma xícara de chocolate na mão.

— Vamos, de pé, parisiense! Olha lá meus preguiçosos da capital! — dizia meu anfitrião enquanto eu me vestia às pressas. — São oito horas, e ainda na

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

